

Declara, ainda, que toda sua propaganda republicana fora feita as suas custas, bem como seus escritos, distribuídos gratuitamente, e que, sua saída do país, era igualmente sem “comissão oficial ou oficiosa, pública ou particular de ordem alguma do Governo Provisório. Saio livremente, saio porque quero sair. Não levo, pois, nenhum auxílio do tesouro público, vou subsistir com os meus recursos pessoais”³.

Como acreditava Silva Jardim, com sua formação calcada na linha positivista, embora longe do ortodoxismo, sendo antes materialista e dialético, “a vida particular dos homens públicos é tanto do domínio social, que não me desdenho de fazer tais declarações”⁴.

Afirmava, ainda, concluindo seu Último Manifesto que não se sentia “esterilizado, nem desalentado, antes assim preparado para os reveses, mas prudente e patriota, e confiante nas forças do povo brasileiro, é que eu digo adeus a meu país”⁵.

Por estas linhas deixadas aos seus concidadãos antes que, desgraçadamente, fosse tragado pelas lavas do Vesúvio, meses depois, em 1º de julho de 1891, observa-se que, no Brasil de todas as épocas, os homens e as instituições sempre se mantiveram na posição de um paradoxal antagonismo, inacreditável, certas vezes, ocultando uma veemente aversão pelo ajuste de suas próprias razões ou necessidades. Daí a formação de grupos insatisfeitos, despidos de compreensão própria na relatividade do amadurecimento das concepções; daí ainda, a luta entre Individualismo e Idealismo que se pode apreciar em nossa evolução histórica, e que, permitiu, apesar de Silva Jardim ter sido uma pessoa bastante aceita pelo povo, apesar de haver tentado uma educação política de massas, apesar de haver levantado entusiasmos e confianças, o aspecto curioso de se observar, é que, a tão acentuada e decantada Liberdade não se coadunou bem na realidade brasileira.

O impacto prossegue e a política, como ciência e prática, ainda não realizou a “República dos Sonhos” jardinistas ! . . .

*

RELEMBRANDO O PIAUÍ *

Lycurgo de Castro Santos Filho

Em janeiro deste ano de 1978, a Academia Piauiense de Letras comemorou o 60º aniversário de fundação. Na ocasião, convidou represen-

(3) Jardim, Antônio da Silva — “Último Manifesto Político”, p. 241.

(4) Idem, p. 242.

(5) Idem, *Ibidem*.

(*) Palestra pronunciada na Academia Campinense de Letras a 2-10-1978.

tantes de cada Academia estadual e uma delegação da Brasileira de Letras para, como hóspedes do Estado, a assistirem e prestigiarem os atos comemorativos. Também a Academia Campinense de Letras mereceu a gentileza do convite, endereçado não a um de seus membros, mas a quatro deles, o presidente Odilon Nogueira de Matos, os acadêmicos Francelino de Sousa Araújo Piauí, Mário Pires e eu. Era uma real distinção conferida à Campinense de Letras. Não foi possível o comparecimento de qualquer de nós, mas em carta ao anfitrião, o presidente da Academia Piauiense, José de Arimatéia Tito Filho, prometi que um dia visitaria Teresina. Fi-lo agora, em fins de agosto e princípios de setembro. E me felicito pela viagem que foi esplêndida sob todos os aspectos.

Não conhecia ainda a capital do Piauí. “Vá vê-la antes que se acabe”, diziam-me os contadores de anedotas velhas como a Sé de Braga, e geralmente indelicadas. Fui e admirado inteirei-me do progresso que hoje anima a mais que centenária cidade fundada em 1852 pelo presidente conselheiro José Antônio Saraiva (1823 — 95). Por sinal que o nome escolhido — Teresina — foi uma homenagem à Imperatriz do Brasil pela contração de seus dois nomes, Teresa Cristina. O motivo da mudança da capital da cidade de Oeiras para Teresina — e até hoje os oeirenses não perdoam ao presidente Saraiva o abandono da velha e colonial Oeiras — foi o aproveitamento do rio Parnaíba, em cujas margens se situa Teresina, para ligação com a costa marítima e com o Sul da Província através de um transporte fluvial que chegou a ser intenso no passado e que hoje desapareceu por completo.

Como centro urbano planejado, Teresina difere totalmente das antigas povoações brasileiras. Possui ruas simétricas e grandes praças. E não são encontrados os bem conhecidos sobrados da era colonial. As casas são térreas, na maioria, e sem características arquitetônicas assinaláveis. Caiadas de branco, são muito simples, como simples e afável é o seu povo. A primeira Igreja, de paredes lisas e escorridas, sem os atavios barrocos, situa-se nas proximidades de Luxor Hotel, onde me hospedei, e que é um dos raros prédios altos existentes. Há muito terreno disponível e em lugar de crescer para o alto, muito sabiamente os teresinenses expandiram-se na horizontal. Os seus 360 mil habitantes — a metade da população de Campinas — espalharam-se e criaram novos e bonitos bairros, de casas ajardinadas, onde a exuberante vegetação continua tão verde como no tempo em que a cidade foi visitada pelo escritor Coelho Neto, um maranhense bem conhecido em Campinas, pois aqui residiu e lecionou no Colégio Culto à Ciência. Coelho Neto chamou-a de “cidade verde, de paisagens

verdes”. Mangueiras, cajueiros e sapotizeiros enfeitam e adornam todos os quintais e mesmo algumas ruas e praças. Até hoje o verde é a cor simbólica de Teresina.

Nos novos bairros situam-se, semi-ocultas pelo arvoredo, as casas da gente de classe média e das pessoas mais abastadas, como o senador Petrônio Portela, ali chamado muito significativamente de “Presidente civil do Brasil”. Os primitivos edifícios erigidos para a administração, já não existem. Cederam lugar a novas e modernas construções. A sede do governo estadual localiza-se no Palácio de Karnak, em meio a jardins projetados e executados pelo artista brasileiro Burle Marx, autor de outros conjuntos paisagísticos, como o da praça Marechal Deodoro. O nome “Karnak” provém de aspectos arquitetônicos que imitam os encontrados em velha povoação do alto Egito. O palácio contém no seu interior, objetos de arte e móveis finos. O Palácio da Justiça é um edifício de estilo moderno, de linhas arroçadas, em cimento e tijolo aparentes. E, como sinal evidente do progresso que se verifica na capital, em um bairro afastado, às margens do Rio Parnaíba, constrói-se o “Centro Administrativo”, onde se localizarão o Palácio do Governo e as Secretarias de Estado. Uma delas, a da Fazenda, já iniciara a mudança para a nova sede, quando lá estive.

Outro grande e importante edifício é o “Centro de Convenções”, com auditórios, salões de exposições, restaurante etc. O ar é condicionado, como aliás também o é em quase todos os edifícios públicos e nos principais hotéis. O melhor destes é o Luxor, acima citado, com televisão, geladeira, piscina, e onde a fidalguia do Governo do Estado ofereceu-me uma suíte no sétimo andar, que é o último. Dali eu avistava o pôr-do-sol no Rio Parnaíba, um espetáculo de muita beleza. Vizinha à minha habitação, havia duas outras suítes ocupadas pelo “staff” do antigo governador Alberto Silva, administrador que reformou Teresina, construiu estradas, edifícios públicos, jardins, e o estádio de futebol, chamado, por isso mesmo, de “Albertão”. Dizem os admiradores desse governador que a evolução do Piauí demarca-se como “antes e depois de Alberto Silva”. O seu sucessor, o médico Dirceu Arcoverde, que fora o seu Secretário de Saúde — e com ele acabou-se desavindo, tal como aconteceu aqui em Campinas a dois políticos bem conhecidos e bons administradores —, o seu sucessor, repito, não deixou por menos, e proporcionou a Teresina melhoramentos de valia. Atualmente governa o Piauí o vice-governador Djalma Veloso, pois Dirceu Arcoverde pleiteia uma cadeira no Senado Federal. Seu antagonista — ambos da Arena, pois nos estados do Norte o MDB é insignificante — é justamente Alberto

Silva. Acirrada vai a luta entre os dois ex-governadores, com previsão de vitória de Alberto Silva na capital e de Arcoverde no interior.

Todos os dias, no Hotel Luxor, o “menu” do restaurante oferece de permeio com os pratos da cozinha internacional, um ou dois da culinária nortista, local, a exemplo de “Maria Isabel com paçoca” (carne desfiada com farinha de mandioca), “carne-de-sol”, “capote” (galinha d’angola à milanesa), e o “capote” é muito usado como “tira-gosto”, ou seja, como aperitivo), “baião-de-dois com lingüiça” (arroz e feijão com lingüiça), “xinxim de galinha” (galinha ensopada, com cebola, alho, azeite-de-dendê e abóbora), etc. O azeite-de-dendê e o leite de coco predominam, como se sabe, nos pratos regionais, da mesma forma que na Bahia. Já no Maranhão, onde também estive, há outros pratos preparados com os produtos do mar, como o “arroz de cuxá com peixe frito” (“cuxá” é um molho temperado), o “caruru” (quiabo com camarão ao azeite-de-dendê), etc.

O Aeroporto de Teresina é modesto, está em reformas, para melhoria. Apenas a “VASP” serve a capital piauiense. Situado a dois ou três quilômetros do centro, de fácil acesso — as ruas são todas asfaltadas e as estradas de rodagem são modernas — lá se encontravam a me esperar o presidente da Academia, Tito Filho, e o desembargador José Vidal de Freitas, possuidor de grande cultura e também acadêmico. Na primeira noite na capital, ouvi uma conferência de Gilberto Freyre sobre valores humanos do Piauí. O escritor e senhora estavam hospedados no Luxor Hotel e foram muito cordiais com o “campinense”, como me trataram. Admirei na ocasião, a paciência e a habilidade de Gilberto Freyre ao responder com afabilidade a provocadoras e agressivas interpeleções de universitários presentes à conferência, que se realizou no confortável e amplo auditório do edifício-sede de repartições do Ministério da Fazenda.

Em uma das manhãs, Tito Filho levou-me a visita de cortesia ao governador Djalma Veloso, que é amigo e oriundo da mesma região do confrade Francelino de Sousa Araújo, a quem devo, tenho a certeza, a amável acolhida no Piauí. Visitados também foram o Secretário de Cultura, Joaquim Bezerra, e o desembargador presidente do Tribunal de Justiça.

Fui obsequiado com um coquetel oferecido pelo Secretário de Cultura no salão do “Centro Herbert”, e com um jantar no restaurante do Aeroporto, promovido pelos médicos da “Regional do Piauí da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos”, presidida por Dagoberto Ferreira de Carvalho Júnior. Este médico foi muito cortês. Levou-me a visitar o “Sanatório Meduna” para doentes mentais, o melhor da região, e que é

propriedade de um culto colega, apreciador de bons vinhos e de objetos de arte, Clidenor de Freitas Santos.

Estive no “Teatro 4 de Setembro” quando se realizava um espetáculo de “ballet”. São três os jornais diários da cidade. Visitei as instalações do maior deles, “O Dia”, e passei pelo grande zoobotânico, um ótimo e extenso parque estadual aproveitado para o lazer da população. Centenas de pessoas ali passam os domingos em piqueniques e repouso nas redes armadas entre as árvores. Até hoje a rede é usada pela maioria da população, que a prefere à cama. Trata-se de secular costume que nem o ar condicionado aboliu.

Na ruas e praças centrais nota-se bastante gente e automóveis circulando, exceto à hora da sesta, que, aliás, se prolonga por duas horas, do meio-dia às 2 da tarde, quando a cidade silencia. As bicicletas são uns dos meios de locomoção do povo e o pedalar é facilitado pela planura da cidade.

A televisão está monopolizada pela Rede Globo, como também acontece no Maranhão. Os programas são os mesmos do Sul acrescidos de anúncios e noticiário locais. A recepção é boa. Não se nota nos apresentadores a pronúncia característica da gente do Norte, que é bem acentuada nas pessoas de nível social inferior.

Depois das 15 horas, algumas bancas e pequenos jornaleiros vendem jornais do dia, de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O comércio exhibe profusão de produtos sulinos e, por outro lado, a cerveja já é fabricada no Maranhão (Cerma). Logo se instalará uma fábrica no Piauí, e aí, então, o produto se denominará Cerpi. Os refrigerantes e a cerveja da Antártica são mais vendáveis do que os da Brahma. Quanto ao preço, é praticamente o mesmo — Cr\$14,00 a 15,00 — tanto para os provenientes do Sul, como para os locais. Vinhos e licores é que são bem mais caros. Meia garrafa de vinho vende-se por quase 90,00 cruzeiros e uma dose de um “digestivo” oscila em torno de Cr\$100,00. As acomodações e a alimentação são um pouco mais baratas que no Sul. Um prato de camarões custa mais ou menos Cr\$130,00. Visitei o mercado de Teresina, onde há abundância de verduras e frutas, peixes e carne-de-sol. Há alguns supermercados, bem mais modestos, se comparados aos do Sul.

Da mesma forma que entre nós, vi cinemas decadentes, e agradáveis e modernos motéis de alta rotatividade e grande freguesia. E são inúmeros e bem freqüentados os clubes sociais.

A Academia Piauiense de Letras encontra-se ilustrada em espaçosas salas do edifício que abriga o Arquivo e o Museu Histórico

do Piauí, chamado “Casa de Anísio Brito”. Por sua vez, a Academia intitula-se “Casa de Lucídio Freitas”. Foram eles, Anísio e Lucídio, dois eminentes intelectuais do passado piauiense. Sucessivamente reeleito presidente desde 1970, José de Arimatéia Tito Filho é o impulsionador das atividades acadêmicas e o organizador da série de publicações denominada “Estante da Academia Piauiense de Letras. Graças ao prestígio de políticos de seu Estado, Tito Filho vem obtendo a impressão gratuita, pela Gráfica do Senado Federal, em Brasília, de volumes de acadêmicos do Piauí. Conseguiu uma verba anual de Cr\$30.000,00 do Conselho Federal de Cultura, e do Governo do Estado alcançou dobrar a subvenção mensal de cinco para Cr\$10.000,00, e assim se acha em condições de pagar os gastos ordinários e de conceder o “jetton” de Cr\$50,00 por sessão aos cinco a oito titulares — apenas, vinte residem na capital — presentes às quatro reuniões do mês. O presidente dá expediente diário na parte da manhã, quando recebe acadêmicos e visitantes, e publica com regularidade, em “xérox”, um “Informativo” mensal com o resumo das atividades acadêmicas e dos meios intelectuais do Piauí. O presidente Tito disse-me que já obtivera a promessa governamental de aquisição de um prédio para a sede própria da Academia. Não duvido que o consiga. É ele um nome respeitado em Teresina, preside o Conselho Estadual de Cultura e assessora culturalmente o Governo do Estado. Bacharel em direito, jornalista, professor de Português do Colégio Estadual, antigo diretor do mesmo Colégio, professor de Sociologia Educacional da Escola Normal, professor de Língua Portuguesa e Literatura na Faculdade Católica de Letras, foi Secretário de Estado da pasta de Educação e da de Cultura e Turismo. Filólogo e vernaculista, profundo conhecedor das línguas portuguesa e latina, publicou livros como “Da atualidade do latim vulgar” e “Viagem ao Dicionário”. Crítico e biógrafo, tem diversos trabalhos de interesse. Cronista da capital e do Estado, produziu volumes que retratam e historiam a terra e a gente do Piauí.

Tito Filho foi um amável e perfeito anfitrião. Levou-me a visitar igrejas, os principais recantos da cidade, clubes, edifícios públicos, e proporcionou-me a visão do Parque Nacional de Sete Cidades, situado a duzentos quilômetros de Teresina. É este um impressionante aglomerado de formações rochosas situadas a certa distância umas das outras e em número de sete. Erodidas pelas águas e pelos eventos. em milhares de anos, as rochas ostentam as configurações mais extravagantes, e em muitos pontos semelhantes a homens, animais e objetos. Têm similares no Sul do país, em Vila Velha, nas cercanias de Ponta Grossa, no Estado do Paraná. Os grandiosos conjuntos de arenito estão em área de jurisdição federal, tom-

bados que foram pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Nacional. A entrada é controlada, paga-se ingresso, dez cruzeiros por pessoa, e a visita só se faz em companhia de um guarda, eis que os turistas estavam destruindo blocos e inscrições rupestres. Com a melhoria de alojamento, o local será um dia de intensa visitação.

Ao concluir, direi que jamais esquecerei os agradáveis dias de atividade intelectual e turística passados no Piauí. Sou grato ao governador Djalma Veloso, ao secretário Joaquim Bezerra, ao presidente Tito Filho e aos numerosos amigos que adquiri na terra do verde.

*

PRÁTICA LIBERAL E CRÍTICA REALISTA EM TAVARES BASTOS

José Octavio
(da Univ. Federal da Paraíba)

“No sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitas pessoas estavam lá. E quando o ouviram ficaram admiradas e perguntavam: De onde lhe veio tudo isso? Como conseguiu tanta sabedoria? (...) E ficaram escandalizados com ele. Então lhes foi dito: Um profeta é desprezado somente na sua terra, entre os seus parentes e na própria família (...) Ele mesmo ficou admirado com a incredulidade daquela gente. E percorria as aldeias dos arredores, ensinando”.

O trecho acima, extraído de evangelho de Marcos, conduz-nos, por associação de idéias, a Tavares Bastos, cuja obra, incluindo a sólida biografia de Carlos Pontes, e também o livro-manifesto *A Província*, vem de ser, ao ensejo do centenário de sua morte, oportunamente reeditada, dentro da política de coedições do Instituto Nacional do Livro, preconizada pelo ministro Jarbas Passarinho e tão bem ampliada por seu sucessor Ney Braga.

Minha paixão por Tavares Bastos, objeto de agudas considerações de, entre outros, Néilson Saldanha, em sua *História das Idéias Políticas no Brasil* (pp. 204/8), e José Honório Rodrigues, no discurso de posse na ABL, a 5/12/69 — data de longe. Quando, em Recife, perfiz curso com algumas alagoanas, confessei-lhes, lealmente, não me conformar com a denominação “Terra dos Marechais”, emprestada a Alagoas, menos ainda com uma placa situada à entrada de Maceió — “esta é a terra de Ladislau Netto”. Para mim, Alagoas será sempre a terra de Tavares